

Eris tem plano para enfrentar a escassez da linha de curto prazo

por Getúlio Bittencourt
de Nova York



Ibrahim Eris

As linhas de curto prazo (Projeto 3 e Projeto 4) estão "diminuindo em volume e encurtando no prazo" há algum tempo, admitiu ontem o presidente do Banco Central do Brasil, Ibrahim Eris, em entrevista coletiva, ao concluir ontem sua visita a Washington.

Mas ele acrescentou que o governo está preparado para enfrentar mesmo o desaparecimento dessas linhas, através de mecanismos já montados no Banco Central, sobre os quais preferiu não dar qualquer detalhe. De acordo com a proposta brasileira de renegociação da dívida de cerca de US\$ 60 bilhões com os bancos privados, essas linhas, que cobrem o financiamento de exportações e o interbancário das agências de bancos nacionais no exterior, se tornariam voluntárias.

Eris concluiu sua passagem por Washington com encontros no Departamento de Estado (com o subsecretário Lawrence Eagleburger) e do Departamento do Tesouro (com o subsecretário David Mulford, o principal redator do Plano Brady).

Mulford fez várias perguntas sobre a proposta. De acordo com o presiden-

te do BC, ele concordou com o princípio da capacidade de pagamento, que o Brasil está defendendo, e procurou esclarecer as premissas — no caso, porque a proposta se baseia mais em finanças públicas (90% da dívida é estatal) do que no conceito clássico de balança comercial. Ele estava particularmente interessado em saber que papel teria a balança comercial nesse conceito.

Como o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, no dia anterior, Mulford também acentuou a necessidade de um acordo rápido do Brasil com os bancos, para regularizar a situação do País com a comunidade financeira inter-

nacional e melhorar o fluxo de recursos. Ele também afirmou que o Brasil deve esperar agora uma contraproposta dos bancos comerciais.

Eris admitiu que o Brasil poderá fazer um pagamento aos bancos credores ainda neste ano, a propósito da dívida vincenda, caso essa seja uma condição estabelecida no novo acordo — e, portanto, caso haja um acordo ainda neste ano.

A retomada do pagamento de juros pelo Brasil foi um tema constante dos interlocutores de Eris. "Vamos retomar os pagamentos assim que tivermos algum acordo", respondeu o presidente do BC. "Nós tínhamos uma proposta anterior de fazer um provisionamento do orçamento para pagar a dívida, que foi descartado pela ministra. Mas esse é um ponto que sem dúvida voltará à mesa de negociações", acrescentou.

Na escala em Nova York, Eris encontrou-se com o presidente do Federal Reserve local, E. Gerald Corrigan, um dos principais advogados de uma solução rápida dos bancos para o problema da dívida dos países em desenvolvimento. Corrigan recebeu uma cópia do estudo macroeconômico do governo sobre finanças públicas e capaci-

dade de pagamento, prometeu estudá-la e, se tiver comentários, ficou de telefonar para Eris.

A impressão final do presidente do BC foi de que sua visita teve resultados positivos, ajudando a esclarecer a posição brasileira. E que visitas semelhantes devem ser feitas a países europeus e ao Japão para mostrar detalhes do plano de renegociação da dívida.